

O PAPEL DE AFRODITE NAS ELEGIAS AMOROSO-PEDERÁSTICAS DOS *THEOGNIDEA*

GLÓRIA BRAGA ONELLEY

Universidad Federal de Río de Janeiro

RESUMEN

El artículo trata del análisis de fragmentos dedicados al *paidikòs éros* y que están en los *Theognidea*, Libro II, con el objetivo de presentar el horizonte de actuación de la diosa del amor y de la seducción, Afrodita, debido a que ella preside el amor del *erastés* hacia el *erômenos*.

ABSTRACT

This paper has the purpose of analyzing some fragments dedicated to the *paidikòs éros* and inserted in the Book II of *Theognidea* seeking to show the horizon of acting of the goddess of love and seduction, Aphrodite, because she presides over the *erastés* love for the *erômenos*.

PALABRAS CLAVE:

Corpus Theognideum-Elegía Amoroso-Pederástica-Afrodita.

KEY WORDS:

Corpus Theognideum-Pederastic Love Elegy-Afrodite.

O presente trabalho versa sobre a função de Afrodite, deusa do amor e da sedução, em fragmentos amoroso-pederásticos constantes do Livro II dos *Theognidea*, coletânea de elegias atribuída, não exclusivamente, ao poeta Teógnis de Mégara,¹ cuja plenitude

¹ Dos 1389 versos que compõem o *Corpus Theognideum* somente uma pequena parte é atribuída, pela maioria dos helenistas modernos, ao poeta elegíaco Teógnis de Mégara. Posicionamentos vários e divergentes têm sido dados a esta complexa questão da autenticidade, quer pelos partidários da unidade e autenticidade da coletânea, quer pela maioria da crítica moderna, defensora de ser o *Corpus* um acervo de composições poéticas procedente de variadas mãos. Para a discussão da controvertida questão da autenticidade, citam-se os estudos de Carrière e Van der Valk, indicados na bibliografia.

literária, *akmē*, pode ser situada na segunda metade do século VI a.C.²

É essa coletânea de elegias composta de 1389 versos, distribuídos em um livro de 1230 versos, de temática e extensão bastante variadas, muitos dos quais privilegiam como tema a vida política da cidade, os conflitos de classe, as lutas civis, a amizade, entre outros *tópoi* da poesia grega arcaica, como a brevidade da juventude e a aproximação da morte, a fragilidade dos homens diante do poder dos deuses, a exortação a beber moderadamente, o *carpe diem*, só para citar alguns. O Livro I contém, pois, em sua maioria, elegias de conteúdo político, social, moral e parenético. Esses 1230 versos são seguidos de um conjunto menor de fragmentos de temática amorosa, sobretudo amoroso-pederásticos, conhecido como Livro II.³

Considerado autêntico pelos partidários da unidade da coletânea e apócrifo pelos separatistas, entre os quais se inclui a maioria dos helenistas modernos, esse apêndice erótico reúne, em tese, declarações amorosas a um jovem, em geral anônimo – designado pelo vocativo *ô paî*, ‘ó jovem’ –, reflexões pessimistas, ameaças e reprovações do homem mais velho, o *erastēs*, ‘amante’, diante do comportamento leviano e inconstante do *erômenos*, ‘o amado’.

Inicia-se o referido livro de elegias amorosas com uma prece hínica⁴ ao deus do amor, Éros, responsável por manifestações irracionais (*maniai*, ‘loucuras’) que se apoderam do espírito humano, trazendo-lhe funestas consequências, inclusive a morte. Os dísticos 1231–1234 dos *Theognidea*, abaixo transcritos e traduzidos, resumem o que Eric Dodds

² Três são as possíveis datas acerca da época em que teria vivido o poeta Teógnis: a primeira, defendida pelo helenista inglês Martin West (1974: 68-70), situa a *akmē* do poeta na segunda metade do século VII a. C.; a segunda e a terceira datam Teógnis dos séculos VI e V a.C., respectivamente, segundo a interpretação distinta dada pelos estudiosos ao termo *gegonōs* da Suda, empregado ora na acepção de ‘nascido’, ora na de ‘florescido’.

³ No manuscrito A, datado do século X e o único a revelar a existência do livro de elegias amorosas, os versos 1231 – 1389 do *Corpus Theognideum* figuram com o título de *Elegeion B*.

⁴ Três são os elementos estruturais de uma prece: a invocação propriamente dita, a narração de fatos passados de autoria da divindade (anamnese) e a prece ou súplica. Dos versos 1231-1234 está ausente o último elemento, pois neles não está expresso um verbo apropriado, como ‘suplico’, ‘imploro’. Os motivos convencionais são assinalados pela invocação ao deus Éros, acrescida de um qualificativo adequado à própria divindade e ao contexto, e pela anamnese, ou seja, pela alusão a acontecimentos passados que ressaltam o lamentável destino de certos heróis, como os que combateram em Tróia, Teseu e Ájax.

(1966: 64) designou *manía*, ‘loucura’, erótica:

*Cruel Eros, as Manias, tendo-se apoderado de ti, te amamentaram;
por tua causa, pereceu a cidade de Ílion,
pereceu também o grande Teseu, filho de Egeu, e, ainda, o valoroso Ajax,
filho de Oileu, por causa de teu orgulho insensato.*⁵

Expressa-se nos referidos versos o amor como completa loucura, desvario e, por conseguinte, aniquilamento, já que devido ao *éros* – loucura, cujas raízes se perdem no passado mitológico da Grécia, heróis foram ao encontro da morte. Revela essa prece ao deus que, em virtude do amor desenfreado incitado por Éros, sucumbiram a cidadela de Ílion, por causa do amor desmedido de Páris por Helena, o herói Teseu, pela tentativa de ajudar Pirítoos a raptar Perséfone – uma ameaça direta às fronteiras entre os vivos e os mortos – e também Ajax, ao que parece pela violação da sacerdotisa Cassandra, no templo de Palas Atena, em Tróia.⁶ Tendo, pois, inspirado os mortais a transgredir a ordem divina, Éros é considerado *skhlétie*, ‘cruel’ (v. 1231), não somente pelo fato de causar sofrimento às suas vítimas, mas também por impeli-las a cometer atos cruéis e impiedosos semelhantes aos seus próprios. De fato, como bem observou Maximus Vetta (1972: 40), o ponto comum dos três exemplos míticos evocados é a *asébeia*, ‘impiedade’, inspirada por Éros e depois punida com a morte. Note-se, ainda, que a relação *éros*–loucura é assinalada pela imagem do aleitamento da divindade pelas *Maníai*, causadoras das catástrofes amorosas.

É interessante lembrar que os paradigmas míticos destacados para acentuar o ânimo cruel de Éros se referem ao amor por mulheres e não por efebos. Portanto, a invocação ao deus do Amor não deve constituir o prólogo do Livro II dos *Theognidea*, como pretenderam os defensores da unidade da coletânea, nem se referir, como conjecturou Dover (1994: 87) ‘tanto ao *éros* homossexual quanto ao heterossexual’, em virtude de o tom e o conteúdo da invocação e da súplica não se harmonizarem com a temática amorosa delineada neste apêndice erótico.

⁵ Todas as traduções apresentadas são de responsabilidade da autora do artigo. O texto grego usado na tradução dos *Theognidea* é o da edição de West.

⁶ Para as versões míticas acerca da morte de Teseu e da de Ajax, ver Maximus Vetta (1972: 39-42).

Na verdade, no contexto amoroso-pederástico do *Corpus Theognideum*, o *paidikòs éros* é atribuição exclusiva da deusa Afrodite, designada por três outros nomes: *Kyprogenēs*, *Kythéria* e *Kýpris*, respectivamente, Ciprogênia ou nascida em Chipre, Citereia e Cípris.⁷

E é como divindade regente do *paidikòs éros* que o *erastēs*, ‘amante’, ao sofrer as inquietudes do amor, chama-a pelo nome para libertá-lo dos sofrimentos que acometem seu coração e são motivados pela presença de *éros*:

*Ó Ciprogênia, afasta-me dos sofrimentos, dissipa as preocupações
que devoram meu coração e fá-lo voltar de novo à alegria;
faz cessar as funestas inquietudes, e concede-me, depois de ter satisfeito com
alegre coração
a pujança da juventude, as obras da temperança.*
(*Theognidea*, vv. 1323-1326)

Como se infere dos dísticos citados,⁸ ao solicitar a ajuda divina, o amante o faz de modo idêntico à voz do fragmento da poetisa Safo, conhecido como ‘Hino a Afrodite’, no

⁷ Para os nomes Ciprogênia e Citereia apresenta-se em Teogonia (vv. 195-199) uma explicação etiológica:

*... Afrodite,
[deusa nascida da espuma, e Citereia coroada de flores]
Chamam-na deuses e homens, porque na espuma
foi criada, mas Citereia porque alcançou Citera.
[e Ciprogênia, porque nasceu em Chipre, de ondas encrespadas.]*

⁸ A importância do nome *Kýpris*, derivado de *Kýpros*, ‘Chipre’, consiste na ligação entre a deusa e o local de seu nascimento.

No chamado Livro II dos *Theognidea*, um genuíno código de amor efêbico, o nome Ciprogênia é mais empregado e ocorre nos versos 1304, 1308, 1323, 1332, 1382, 1383, 1385 e 1386. Citereia é, depois de Ciprogênia, o mais usual, figurando nos versos 1339 e 1386. Quanto ao nome Cípris, há apenas uma ocorrência, no verso 1320.

⁸ É possível estabelecer um diálogo entre a elegia referida (vv. 1323-1326) e os dísticos 1337-1340 dos *Theognidea*, cujo tema é também a libertação do amor por intercessão da deusa Afrodite/Citereia:

*Não amo mais um jovem, expulsei os penosos sofrimentos,
e, feliz, escapei aos terríveis tormentos,
fui libertado do desejo por Citereia, de formosa coroa;
para ti, ó jovem, não há de minha parte reconhecimento algum.*

qual é também a deusa invocada para pôr termo às ‘penosas inquietações’, *khalépan ... merímnan* (v.26), que subjagam o sujeito lírico, causando-lhe danos na mente e no corpo, expressos por *ásaisi*, ‘angústias’, e *oníaisi*, ‘náuseas’ (v. 3). Deste modo, a súplica inicial do ‘Hino a Afrodite’ – ‘não me domes com angústias e náuseas, / ó veneranda, o coração’ (vv. 3-4) – é reiterada pelo pedido veemente da suplicante que implora à deusa do amor a libertação da batalha amorosa, possível de ser vencida somente com a ajuda divina:

*Vem até mim também agora, e livra-me das penosas
inquietações, cumpre o que meu
coração deseja, cumpre, e tu mesma
sê na luta minha aliada.*

(Fragm. 1, vv. 25-28)⁹

O poder invencível de Afrodite transparece também na linguagem erótico-amorosa formulada na prece final do *Corpus Theognideum* (vv. 1386-1389), na qual se confere à deusa uma atuação ardilosa e dominadora, assinalada não só pelo epíteto *dolóploke*,¹⁰ ‘tecelã de astúcias, astuciosa’ (v. 1386) – em cuja primeira parte, *dolo-*, está implícita a ideia de dolo, engano, astúcia e, na segunda, *ploke-*, derivada de *pléko*, a de tecer e, metaforicamente, a de tramar –, mas também pela forma verbal *damnaís* ‘submetes pela força’, ‘domas’, ‘dominas’ (v. 1388), a qual indica, à semelhança de Hesíodo (*Teogonia*, vv. 120-122),¹¹ a violência com a qual o amor domina o ânimo. Assim, sendo a Ciprogênia aquela que urde enganos, logo ‘tecelã de astúcias’, triunfa a deusa sobre a prudência dos

⁹ O texto grego usado é o da Loeb Classical Library, *GREEK LYRIC I*.

¹⁰ *Dolóploke*, ‘tecelã de astúcias, astuciosa’, epíteto consagrado à deusa Afrodite, tem sua primeira ocorrência no fragmento 1 (v.2) da poetisa Safo, ‘Hino a Afrodite’ (Loeb).

¹¹ Em Hesíodo (*Teogonia*, vv. 120-122, Les Belles Lettres), Eros aparece entre as mais antigas divindades como uma força externa que submete deuses e homens:

[...]
*e Eros, o mais belo entre os deuses imortais,
que amolece os membros e, no peito de todos os homens e de todos os
deuses,
domina a mente e a prudente vontade.*

homens, envolvendo-os com seu amor arrebatador, o seu ‘dom’, o seu *dōron* (v. 1387). É, pois, esse dom, concebido em outros versos do *Corpus* ora como ‘trabalhos difíceis de Cípris’ (v.1308), ora como ‘penosos sofrimentos’ (v.1384), que atormenta de paixão a mente do amante:

*Ó Ciprogênia, astuciosa deusa de Citera, que coisa magnífica
Zeus, para te honrar, te deu para que possuísses este dom?
Dominas o espírito prudente dos homens, e ninguém
é tão forte e tão sábio que saiba evitar-te.*
(*Teognidea*, vv. 1386-1389)

É interessante ressaltar que o hexâmetro final da citada elegia, ‘dominas o espírito prudente dos homens’ (v.1388), dialoga com um passo da *Iliada* em que a astuciosa Hera, desejando seduzir seu marido Zeus para afastá-lo da guerra entre aqueus e troianos, toma por empréstimo o cinto bordado de Afrodite, no qual se encontram todos os seus poderes e encantos, enganadores do coração dos mais sensatos:

*Disse, e do peito tirou um cinto bordado de variadas cores;
ali se lhe produzem todos os encantos,
ali há amor, desejo e conversação
enganadora, que arrebatava a mente mesmo a dos mais sábios.*
(*Iliada*, XIV. 214-217)

Faz-se mister ressaltar que, se nos citados versos 1323-1326 e 1386-1389, a súplica é indireta, assumindo a forma de uma prece hímica a Afrodite, em outras elegias amorosas a súplica é destinada à pessoa amada, ao *erômenos*. Assim, na relação erótica masculina, os mais veementes apelos do amante, para convencer o jovem a entregar-se a seu amor, situam-se, às vezes, na esfera do efêmero, tendo em vista lembrar ao ente amado que a beleza física, simbolizada pelos dons de Afrodite, também é passageira. Logo, ao perder a flor da juventude, o jovem não mais será objeto de ostentação e de conquista, ao contrário, será ele a sofrer os penosos trabalhos impostos pela deusa do amor, já que, mais tarde, assumirá o papel de *erastēs*. Este tom de advertência constitui a tônica de três elegias compreendidas

entre os versos 1299-1304, 1305-1310 e 1319-1322 do *Corpus Theognideum*, nos quais a juventude determina a fase de atuação amorosa do efebo, marcada pela beleza efêmera, atributo da esfera de Afrodite. Ei-los:

*Ó jovem, até quando me escaparás? Porque eu te desejo,
te persigo; que me seja possível conseguir o fim
de tua cólera; com teu coração libertino e altivo,
foges, tendo o feitio cruel de um milhafre.
Vai, espera e dá-me tua gratidão: não mais terás,
por muito tempo, o dom da Afrodite, coroada de violetas.*
(vv.1299-1304)

*Tendo percebido em teu coração que a flor da encantadora juventude é
mais rápida
do que a corrida do estádio, depois de dar-te conta disso, livra-me
do laço, e que jamais tu sejas violentado, ó mais forte dos jovens, e ten-
has de suportar os trabalhos difíceis de Cípris,
como eu sofro agora a este ponto por ti. E tu evita essas coisas,
e que a maldade não te vença † como vence um jovem ignorante.*
(vv. 1305-1310)

*Ó jovem, já que a deusa Cípris te deu uma graça encantadora,
e todos os jovens se preocupam com a tua beleza,
escuta minhas palavras e guarda-as em consideração a mim, em
teu coração,
sabendo que o amor para o homem se torna penoso de suportar:*
(vv.1319-1322)

Note-se que a brevidade da juventude, lugar-comum nos poetas arcaicos, é empregada nas duas primeiras elegias mencionadas como um argumento para sensibilizar e persuadir o adolescente a ceder às solicitações do amante, que o adverte a entregar-se

aos prazeres de Cípris, enquanto possuir a beleza e o vigor da fugaz juventude. Recurso análogo é apresentado nos dísticos 1327-1334 em que o amante rejeitado lembra ao jovem que um dia, depois de passar à condição de *erastēs*, será ele a suplicar o carinho do ente amado, e será Afrodite quem irá impor-lhe a retaliação:

*Ó jovem, enquanto tiveres a face lisa, jamais deixarei de te elogiar,
nem mesmo se fosse meu destino morrer.
Para ti que te entregas, é ainda honroso, mas para mim que te amo
não é vergonhoso
suplicar. Mas te imploro, por nossos pais,
tem piedade de mim, ó jovem < >, dando-me gratidão se é que
algum dia tu também
terás, se desejares, o dom da Ciprogênia, coroada de violetas,
e irás para junto de um outro jovem; mas te permita a deusa
receber em troca as mesmas palavras.*

É digna de nota a semelhança do dístico final da elegia com a penúltima estrofe do citado fragmento da poetisa Safo, no qual a deusa regente de *éros*, Afrodite, ciente de seu ilimitado e irresistível poder, lembra à suplicante a regra norteadora das relações amorosas: o objeto amado, ao desdenhar o amante, também poderá apaixonar-se e não ser igualmente correspondido. Também em Safo, será Afrodite o instrumento de vingança:

*na verdade, se ela foge, bem depressa (te) perseguirá,
se não aceita os dons, ao contrário (te) dará,
se não ama, bem depressa (te) amará,
mesmo contra a vontade.*

(Fragm. 1, vv. 21-24)¹²

¹²O texto grego usado é o da Loeb Classical Library, GREEK LYRIC I.

À guisa de conclusão, pode dizer-se, com base na análise dos versos teognídeos, que embora Eros e Afrodite figurem no chamado Livro II como divindades inspiradoras do amor, é somente Afrodite quem preside aos amores pelos adolescentes. Efetivamente, é a deusa que concede ao amado a beleza efêmera, mas é também ela que inflama de paixão o coração do amante ou o liberta dos dissabores de *éros*.

BIBLIOGRAFIA

Textos

- CAMPBELL, D. A. (1994) *Sappho and Alceus*. Cambridge.
MAZON, P. (1928) *Hésiode ; Théogonie ; Les travaux et les jours ; Le Bouclier*. Paris.
_____. (1957) *Homère ; Iliade*. Paris: Les Belles Lettres, 4v.
WEST, M. L. (1989) *Iambi et Elegi Graeci ante Alexandrum Cantati*. Londres.
VETTA, M. (1980) *Theognis; Elegiarum Liber Secundus*. Roma.

Livros

- CARRIÈRE, J. (1946) *Theognis de Mégare. Étude sur le recueil élégiaque attribué a ce poète*. Paris.
DODDS, E. R. (1966) *The Greeks and the Irrational*. Berkeley.
DOVER, K. J. A. (1994) *Homossexualidade na Grécia Antiga*. Tradução de Luís S. Krausz. São Paulo.
WEST, M. L. *Studies in Greek Elegy and Iambus*. New York.

Artigos

- PEREIRA, M. H. da Rocha (1993) “Amizade, amor e Eros na ‘Ilíada’”, *Humanitas*, 45: 3-16.
VAN DER VALK, M.H.A.I.V. (1955-1956) “Theognis”, *Humanitas*, 4-5: 68-140.

Capítulo de livro

- LEWIS, J. M. (1985) “Eros and the polis in Theognis Book II”, en FIGUEIRA, T. J.; NAGY, G. (eds.) *Theognis of Megara. Poetry and the polis*. Baltimore and London: 197-222.